

O lugar líquido: a desmistificação da concepção de lar em “Vizinhas”, de Teolinda Gersão

The Liquid Place: The Demystification of Conception of Home in “Vizinhas”, by Teolinda Gersão

Márcia Manir Miguel Feitosa*
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

136

Rosângela Guedêlha da Silva*
Universidade Federal do Maranhão - UFMA

RESUMO: Confiança e liberdade: essas duas sensações e seus contrários permeiam os vínculos de parentesco e afinidade vividos de forma radical no conto “Vizinhas”, da escritora portuguesa Teolinda Gersão. Por meio de uma linguagem sublime, o texto oferece uma leitura intensa da ideia de lar como um “lugar sem lugaridade”, em decorrência de “líquidas” relações afetivas no âmbito familiar pela perspectiva das matriarcas idosas. Tendo por objetivo maior a análise da categoria espaço no conto em tela, este trabalho se filiará aos estudos da Geografia Humanista Cultural, complementados pelos conceitos de lugar, topofilia e lugar-sem-lugaridade e na tese da “modernidade líquida”, sustentada por Zygmunt Bauman, em função da complexidade das relações no mundo contemporâneo.

PALAVRAS-CHAVE: Teolinda Gersão. Lugar. Modernidade líquida.

ABSTRACT: Confidence and freedom: these two sensations and their opposites permeate the ties of kinship and affinity experienced in a radical way in the short story “Vizinhas”, by the

* Doutora em Literatura Portuguesa pela Universidade de São Paulo (USP).

* Mestranda em Cultura e Sociedade pela Universidade Federal do Maranhão (UFMA).

Portuguese writer Teolinda Gersão. Through sublime language, the text offers an intense reading of the idea of home as a "place without placeness" (*placelessness*) as a result of "liquid" affective relationships within the family by the perspective of the elderly matriarchs. With the main purpose of analyzing the space category in the short story, this work will be linked to the studies of Cultural Humanist Geography, in which the concepts of place, topophilia and placelessness and the thesis of "liquid modernity", sustained By Zygmunt Bauman, will be used, due to the complexity of relations in the contemporary world.

KEYWORDS: Teolinda Gersão. Place. Liquid Modernity.

Introdução

O lugar, em seus vários espaços e sentidos, é uma ideia-chave para enfrentar os desafios cotidianos. É no lugar que os problemas nos atingem de forma mais dolorida, é também nele que podemos melhor nos fortalecer.

Eduardo Marandola Jr.

Eles se mexiam agitados, rindo, a sua família. E ela era a mãe de todos. E se de repente não se ergueu, como um morto se levanta devagar e obriga mudez e terror aos vivos, a aniversariante ficou mais dura na cadeira, e mais alta. Ela era a mãe de todos. E como a presilha a sufocasse, ela era a mãe de todos e, impotente, à cadeira, desprezava-os.

Clarice Lispector

Falar de espaço líquido articulado à concepção de lar é tratar da relação das pessoas com o lugar no mundo contemporâneo. E, para tanto, optou-se, neste artigo, por um caminho em que convergem os estudos da Geografia Humanista Cultural e a tese da "modernidade líquida", sustentada por Zygmunt Bauman.

Na década de 60 do século XX, os estudos do geógrafo humanista sino-americano Yi-Fu Tuan voltam-se para a ideia de topofilia como um conceito fundante da Geografia Humanista, segundo a qual a experiência espacial humana é permeada por uma *topofilia*, definida como "o elo afetivo entre a pessoa e o

lugar ou ambiente físico” (TUAN, 2012, p. 19). Essa ligação afetiva é uma realidade constituída pela experiência do sujeito no espaço que, experienciado, torna-se dotado de valor humano e passa a ser chamado de lugar. Portanto, “o que começa como espaço indiferenciado transforma-se em lugar à medida que o conhecemos melhor e o dotamos de valor” (TUAN, 2013, p. 14).

No prefácio de *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*, de Tuan (2013), o também geógrafo humanista, Eduardo Marandola Jr., explica que

Atualmente a ideia de lugar como pausa no movimento é bastante questionada no contexto da fluidez da experiência contemporânea. Para alguns, o lugar aqui delineado é o da pré-modernidade, ou pelo menos da modernidade sólida, para usar a expressão do sociólogo polonês Zygmunt Bauman, não trazendo um contexto adequado para leitura do mundo da comunicação instantânea e da prevalência das imagens (MARANDOLA JR., 2013, p. 9).

Entretanto, não se pode afirmar que a ideia de lugar topofílico, sustentada por Tuan, tenha sido extinta, como acrescenta prudentemente Marandola Jr. (2013, p. 9): “Desconfio sempre da pressa em dizer que algo não existe mais, que o mundo agora é outro, que os sentidos de tudo mudaram”. Ideia que ele expõe de forma mais detalhada em estudo sobre lugar enquanto circunstancialidade no mundo contemporâneo, divulgado em artigo no livro *Qual o espaço do lugar?* Geografia, epistemologia, fenomenologia:

No fundo, Giddens descredencia o lugar por ter partido do espaço para pensar o ser, enquanto a orientação de Heidegger é o contrário; vir do ser em direção ao espaço. Fazendo isso, o lugar é reabilitado, estando no centro da cotidianidade mundana e do próprio mundo circundante. [...] O lugar continua a operar como centro cognitivo, afetivo e lógico do nosso mundo vivido [...] lugar é algo dinâmico que se constrói a partir da circunstancialidade do ser-no-mundo (MARANDOLA JR., 2014, p. 244).

Nesse sentido, Stuart Hall, ao tratar da compressão espaço-tempo no contexto da globalização, reafirma a validade e pertinência da ideia de lugar na contemporaneidade ao concluir que “lugares permanecem fixos; é neles que

temos ‘raízes’. Entretanto, o espaço pode ser ‘cruzado’ num piscar de olhos - por avião a jato, por fax ou por satélite” (HALL, 2015, p. 42).

A realidade do século XXI, a que o sociólogo polonês Zygmunt Bauman se refere como “modernidade líquida”, é, na sua perspectiva, a mais ampla e radical consequência do processo de globalização, tendo como marcas mais evidenciadas a “precariedade, instabilidade, vulnerabilidade [...]” (BAUMAN, 2001, p. 184). O panorama dessa realidade é um produto da forma científico-econômica de pensar e estar no mundo, pautada no consumismo e na conveniência, presente no cotidiano das pessoas.

O fenômeno da liquidez teorizado por Bauman (2001) configura-se nas situações sociais estabelecidas com base na acomodação e sujeição/sacrifício em função de alguma garantia de segurança; é algo que está se rarefazendo diante das profundas alterações afetivas do mundo atual.

O fenômeno que todos esses conceitos [precariedade, instabilidade, vulnerabilidade] tentam captar e articular é a experiência combinada da falta de garantias (de posição, títulos e sobrevivência), da incerteza (em relação à sua continuação e estabilidade futura) e de insegurança (do corpo, do eu e de suas extensões, posses: vizinhanças, comunidade). A precariedade é a marca da condição preliminar de todo o resto (BAUMAN, 2001, p. 184).

Edward Relph, geógrafo humanista, comentarista de Tuan, associa a definição de lugar à capacidade de reunião de significados decorrentes de experiências. De tal forma que essa característica pode não existir ou se alterar e “sempre que a capacidade do lugar em promover a reunião é fraca ou inexistente, temos os não-lugares ou lugares sem lugaridade” (RELPH, 2014, p. 25).

Não-lugar é um fenômeno evidenciado e estudado em diversas áreas de conhecimento e com diferentes enfoques. Era um termo que englobava os locais de consumo ou passagem com os quais os indivíduos e grupos, exceto os com alguma motivação econômica, se vinculavam. Eram os shoppings, ruas da

cidade (as pessoas interagem com indiferença umas às outras ao andarem pela cidade), aeroportos, rodoviárias etc.

No entanto, a não-lugaridade ampliou seu território de abrangência e o que era específico ao âmbito público passou a ser reproduzido na vida íntima das pessoas, nos relacionamentos pessoais: “a casa familiar, outrora envolta seguramente por uma densa rede de hábitos rotinizados e expectativas costumeiras, teve as proteções abaladas e está inteiramente à mercê das marés que açoitam o resto da vida” (BAUMAN, 2001, p. 197).

Com base, portanto, na discussão acima, optou-se, para a elaboração desse artigo, pela análise crítico-literária da categoria espaço no conto “Vizinhas”, um dos catorze que integram um dos mais recentes livros da escritora portuguesa Teolinda Gersão, lançado em 2016, com o título *Prantos, amores e outros desvarios*, dadas as características textuais de centralização dramática e adensamento de sentidos que a narrativa tece acerca das experiências de lugar enquanto lar, decorrentes de líquidas relações afetivas vividas pelas personagens no âmbito familiar contemporâneo. Trata-se de um estudo decorrente do diálogo interdisciplinar, sobretudo, entre a Literatura, a Sociologia e a Geografia Humanista Cultural.

O “lugar líquido” em Teolinda Gersão

Apesar da diversidade de estratégias narrativas empregadas e da independência estilístico-ideológica, pode-se apontar que a prosa de Teolinda se encontra marcada pelo experimentalismo formal, historicismo e pela tendência combativa. Nos contos, a escritora portuguesa emprega a concisão necessária sem, contudo, prejudicar a fluidez e o poder dos jogos simbólicos que conduzem o leitor para a descoberta dos sentidos imanentes nos textos.

Em *Prantos, amores e outros desvarios* (2016), confirmando o que o título sugere, as narrativas centram-se em momentos de grande densidade emocional com tendência ao sofrimento e ao sentimento patológico nas relações contemporâneas, sempre envolvendo, direta ou indiretamente, a vida e o universo feminino. De forma que a linguagem, por vezes poética ou repleta de ironia e até humor, é uma estratégia para amenizar os temas abordados.

“Vizinhas” é um conto centrado na relação entre as pessoas e o lugar, sobretudo na ideia de lar, em desacordo com a tradicional ideia de aconchego e segurança que a humanidade tem em seu imaginário coletivo. Nessa narrativa, ele se apresenta (re)configurado como “lugar líquido” no mundo atual. As amigas do conto estiveram ligadas, direta e intimamente, ao lugar onde viviam. Sentiram-se felizes em suas casas enquanto estas estavam dotadas de valor, plenas de familiaridade e afeição, pois havia histórias e memórias que lhes davam sentido de lugar. Elas tinham sido vizinhas e amigas durante a infância e o início da juventude, tendo ficado separadas durante os anos em que estiveram casadas com o intuito de cuidar de suas respectivas famílias. Reencontraram-se viúvas ao retornarem para morar sozinhas nas casas que foram de seus pais, o que lhes permitiu retomar a amizade e a cumplicidade. Porém, quando caminhavam pela serra, andavam pelo espaço, pela amplitude das possibilidades, em busca de um ponto que lhes fizesse sentido.

No universo das narrativas de Gersão, tem-se o ser humano em meio a dilemas vividos no âmbito íntimo, em decorrência da opressão exercida por pessoas que representam poderes ou valores sociais que subjagam, sobretudo, as mulheres. O que não configura uma literatura panfletária de feminismo especificamente. Como esclarece Gomes (1993, p. 162):

[a] tensão opressor-oprimido não consiste somente na luta de classes, no fator econômico nem de homens contra mulheres, para ela, é mais funda e complexa do que isso, tem a ver com o mundo dos afetos, do cotidiano, da relação pessoa a pessoa (GOMES, 1993, p. 162).

Teolinda faz uma “reescrita estética” tal é seu nível de inovação e despreendimento de padrões, corporificando uma “desmistificação de formas e valores” (DIAS, 2008, p. 11-12). Ao tratar da condição humana no âmbito da velhice, a autora novamente ousa quando toca nas relações familiares na contemporaneidade, em uma associação com as também conflituosas ideias de afetividade, confiança, liberdade e autonomia, realçadas na subjetividade dos que se encontram nessa etapa da vida.

Semelhante abordagem revela sensibilidade e coerência em relação ao contexto do tema suscitado. No estudo intitulado “Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade”, Teixeira *et al.* (2016, p. 13), ao abordarem o envelhecer humano pela perspectiva de como o idoso compreende e vivencia esse processo no século XXI, esclarecem que

generalizações acerca da velhice costumam ser arbitrárias, [...] haja vista ser um processo singular, que assume diferentes representações conforme o contexto no qual o sujeito envelhece [...]. Todavia a maneira como cada sujeito envelhece é única, a diferenciação é baseada na subjetividade. Para Minayo (2006), “Cada pessoa retoma permanentemente os dados de sua história e os reconstrói com os fios do presente” (p. 49). [...] (Pode-se entender a) velhice, como um segmento da vida com suas particularidades e características, não necessariamente deve significar um tempo de sofrimentos, fragilidades e declínios, podendo, também, ser vivida com qualidade, tendo o idoso como protagonista da própria vida. Nessa perspectiva, diversas velhices surgem, e o envelhecimento deve ser entendido como um processo único e inacabado, pois enquanto houver vida há envelhecimento.

Assim, as idosas protagonistas não queriam viver de forma vulnerável, à margem de si mesmas, dependentes das decisões e ações indiferentes as suas próprias vontades e opiniões, como em um prolongamento técnico que, para elas, seria alongar somente o sofrimento: “Quão frágeis e incertas se tornaram as vidas daqueles já dispensáveis [...]” (BAUMAN, 2001, p. 185). Exatamente como viram acontecer com a Madalena do Álvaro, que “viveu três anos, amarrada com um lençol a uma cadeira de rodas para não tentar levantar-se,

repetindo a toda hora que a deviam ter deixado morrer” (GERSÃO, 2016, p. 80) e com o compadre Zacarias, “meses e meses no hospital com um tubo enfiado no nariz [...] as mãos amarradas a cama [...] o tubo o sufocava e ele tentava sempre tirá-lo mesmo a dormir” (GERSÃO, 2016, p. 80).

Dessa forma, o apoio mútuo era fundamental para que continuassem livres e seguras. E deveriam se manter “atentas aos sinais” dos familiares que as visitavam cada vez menos e depois passaram a vir, mesmo no Natal, em grupos alternados com desculpas inconsistentes. O ápice do conto é a proposta da venda das casas para que as senhoras, por serem muito unidas, passassem a dividir um quarto em um lar para idosos. Elas recusam deixar suas moradas, o que por ora é aceito.

Na trama, não há discussão e quase não há diálogos em discurso direto. Além das breves frases trocadas entre as protagonistas, ao final, revela-se a fala de um filho: “Para o ano tratamos disso” (GERSÃO, 2016, p. 81). Registra-se a indiferença em relação à opinião das mães, o que desvela o autoritarismo e o distanciamento afetivo na relação mantida com elas, a ponto de os familiares ignorarem o que pensam e sentem. Teolinda trata magistralmente do que dizem os silêncios dos discursos humanos, da repressão disfarçada pela contingência dos bons modos ditados pela boa educação e do “respeito” aos mais velhos.

Ainda no âmbito da comunicação humana, tem-se um momento em que o tom sublime é rompido por um desabafo tácito, a única exasperação e que serve para dar voz à expressão sincera da intensidade da indignação sentida: “Em vez de o deixarem sossegado e morrer, sem porra de tubo nenhum” (GERSÃO, 2016, p. 80).

Maria Heloísa Dias analisa a intenção subversiva pela ruptura do silêncio nas obras de Teolinda, por meio de uma linguagem que anuncia e denuncia

contra qualquer forma de ditadura, seja política, familiar, social e até mesmo literária. É a revolta contra a filiação, a pertença, as ligações obrigatórias e à submissão, impostas pelo sistema que faz pesar sobre o indivíduo seu poder mitificador. O alvo de ataque são instituições como escola, educação e família, desmascarando-se os anacronismos e contradições do mecanismo viciado que deteriora o corpo social. Em meio ao contexto degradado das relações humanas, o amor aparece como signo corrompido, já que atrelado a convenções e arbitrariedades. E a palavra, contaminada também pelos vícios do sistema no qual se inscreve e está condenada a reproduzir, só pode libertar-se pela recusa de si mesma, fazendo-se outra. Desse modo, escrever é manter uma guerrilha permanente contra os abusos da violência opressora (DIAS, 2008, p. 104).

O ponto central desta análise são as transformações dos sentimentos das mulheres, refletidas na sua relação com os lugares onde vivem. Elas sabiam que não seriam verdadeiramente ouvidas e, por isso, sentiam um profundo abandono, muito mais afetivo que material, e partem juntas em busca da morte no lugar e condições escolhidos.

Os lugares de sua história, de suas memórias de quase toda a vida estavam agora esvaziados do sentido que os faziam lugar e seriam deixados para trás ao seguirem a um “casinhoto abandonado”, de “chão batido” e “cobertura tosca, onde faltavam telhas”. Uma forte razão as fará preferir ir ao encontro do fim em um lugar ermo a um lar de idosos. Irão preferir a companhia uma da outra à consanguinidade de seus familiares. Todas as variáveis dessas questões estão interligadas sob a perspectiva das relações humanas mantidas na atualidade.

No conto, filhos e netos não se dedicam às idosas e, ainda assim, pensam que o mais cômodo seria se elas permanecessem com outros de sua mesma condição num lar para idosos. No entanto, a conveniente solução dos familiares, longe de ser uma boa opção para as senhoras e apesar de elas terem se manifestado contrárias a tal ideia, parecia-lhes algo que fatalmente lhes seria imposto. Isso lhes sinalizava uma ameaça ainda maior: terem, cada vez mais, sua liberdade cerceada em uma vida sem autonomia legítima.

Verifica-se, assim, a desconstrução da ideia de lar de acordo com a concepção clássica de Tuan, segundo o qual essa categoria de lugar tem como referência “a velha casa, o velho bairro, a velha cidade ou a pátria” (TUAN, 2013, p. 11), “onde as raízes são mais profundas e mais fortes, onde se conhece e se é conhecido pelos outros, e onde se pertence”, como explica Relph (2014, p. 24). O que não mais se configura na realidade das amigas.

Os lugares aos quais as idosas encontravam-se ligadas afetivamente pelas histórias vividas, memórias e a todas as demais referências materiais e emocionais com que sustentam seu cotidiano perdem o sentido à medida que suas famílias não compartilham nem reconhecem tais ligações. O distanciamento emocional é crescente e perceptível nas artificiais visitas de Natal, a ponto de planejarem mudá-las para outro lugar, conforme a situação, asilo ou hospital, simplesmente.

Em decorrência do enfraquecimento dos valores experienciais que davam às casas a configuração de lar, esses ambientes tornaram-se, agora, não-lugares ou lugares-sem-lugaridade, os quais, desprovidos da experiência do envolvimento, não oferecem segurança emocional. A cumplicidade entre as vizinhas reflete a relação de afinidade de que fala Bauman (2005). Teixeira *et al.* (2016, p. 10) também fazem menção à perda das referências de lugaridade relacionada a aspectos subjetivos no contexto em que se dá a experiência do ato de envelhecer:

Nesse sentido, Goldfarb (2006) aponta que o lugar social do velho seria quase um não lugar, pois embora a partir dos investimentos das últimas décadas sejam reconhecidos como sujeitos, incluídos no panorama cultural contemporâneo (até porque seria impossível não incluir o grupo etário que mais cresce), os velhos são empurrados para as bordas da estrutura social, reconhecidamente obrigados à subjetividade ancorada na passividade, à pobreza de trocas simbólicas e à renúncia ao papel de agentes sociais. São empurrados em direção à perda de todo poder, até sobre si mesmos.

Somente a cumplicidade entre vizinhas reflete a relação de afinidade de que fala Bauman (2014) ao se referir às relações interpessoais anteriores ou fora do circuito da modernidade líquida.

Seus laços afetivos, cultivados desde o passado, proporcionaram maior confiança mútua, muito mais significativa, portanto, que a relação de parentesco com os familiares, de quem o distanciamento físico trouxe também o esfacelamento da confiança, condição fundamental para a manutenção dos relacionamentos humanos.

A esse respeito, em seu clássico ensaio sobre a velhice, escrito, em 1970, como um alerta ao mundo, Simone de Beauvoir (1990), ao discorrer acerca desse tema e da vida cotidiana, destaca o isolamento afetivo operado intencionalmente por idosos. A autora associa esse fenômeno à ansiedade e ao mal-estar gerados pela indiferença de que são alvo e, ainda, pela percepção da fragilidade das conexões afetivas mantidas com o mundo exterior. Não raro, velhos desenvolvem comportamentos egocêntricos, marcados por uma radical desconfiança e insensibilidade em relação aos outros, incluindo seus familiares. Trata-se de uma conduta defensiva, adotada pelos anciãos em relação aos que consideram uma ameaça à sua liberdade ou agentes de possíveis violações, como roubo de seus bens, maus tratos e extorsão.

Outros aspectos que evidenciam a mudança do referencial de lar das personagens podem ainda ser identificados na trama do conto. O casinhoto de pastor é o lugar onde passam a se sentir protegidas. No isolamento, em sua extrema simplicidade, é escolhido para ser o abrigo final daquilo que passou a representar o perigo: as pessoas mais novas com seus pensamentos desconhecidos e o mundo por extensão: “Não tinham medo dos cães, nem era deles que fugiam. Infelizmente era das pessoas. Das famílias” (GERSÃO, 2016, p. 80).

Em *A poética do espaço*, Bachelard (2008, p. 48) analisa a ideia de cabana ligada à significação da casa como uma variante que remete à ideia de escapismo. Explica que, “na maior parte dos sonhos de cabanas, desejamos viver em outro local, longe da casa atravancada, longe das preocupações cidadinas”. A cabana é “a raiz axial da função de habitar. Ela é planta humana mais simples, aquela que não precisa de ramificações para subsistir”. O casinhoto é uma espécie de cabana e o escapismo sugerido condiz com o desejo de evasão das personagens que pretendiam afastar as possibilidades dos maus-tratos de que recebiam ser vítimas. A decisão pelo abrigo simples e familiar na serra é um retorno às origens por meio da recuperação da sensação de segurança e referencial familiar.

Elas não se sentiam seguras junto de seus familiares e, por extensão, o mundo atual com sua linguagem desconhecida é visto como perigoso. Como no trecho em relação aos medicamentos: “O mais fácil era tomarem comprimidos, mas não sabiam o nome dos remédios, nem aonde iriam arranjar suficientes. Além de que podiam falhar como, se não morressem, arriscavam-se a ficar entrevadas ou loucas” (GERSÃO, 2016, p.82). Assim, a confiança estava atrelada ao seu conhecido e familiar mundo tradicional, com suas memórias e elementos já vividos.

No abrigo das amigas, evidencia-se a ideia do isolamento do lugar a que Bachelard (2008, p. 49) se refere a respeito da cabana do eremita a representar “a solidão centralizada [...] uma feliz intensidade de pobreza. [...] De despojamento em despojamento, ela nos dá acesso ao absoluto do refúgio”.

A solidão, o despojamento e o isolamento de que fala o autor estão expressos na melancolia subjacente. Não há mais referências a outras personagens. As idosas, em uma atitude estoica, abandonam casa e família serenamente, como duas meninas indo para a escola, mas que se apoiam na bengala e no cajado - uma referência ao suporte físico na velhice e ao simbolismo do guia, do papel

do sábio, do “tutor, mestre indispensável na iniciação” (CHEVALIER; GEERBRANT, 2013, p. 124).

Em “Vizinhas”, evidencia-se a sugestão do rito que reforça a importância do casinhoto como o lugar sagrado, visto que foram se abrigar junto aos elementos em que confiavam, no mundo que lhes era familiar. Junto à natureza, não se sentiam tolas e ignorantes como quando em presença de embalagens e bulas; eram sábias, pois conseguiam interpretar os sinais da natureza “pelo cheiro do ar e pelas cascas das árvores, sabiam que a neve ia em breve começar a cair” (GERSÃO, 2016, p. 83).

Partem levando consigo o pão e as uvas, o alimento físico para a última refeição que fariam na luz que lhes restava no simples local de paragem do pastor. Uma clara referência a elementos que remetem aos momentos iniciais e finais da trajetória de Jesus na Terra: o local do nascimento e o momento da transfiguração do pão e do vinho em Sangue e Corpo de Cristo na Última Ceia.

Sendo a subjetividade um aspecto essencial para a experiência do fenômeno do sagrado, a experiência vivida, neste caso, reflete o desamparo da finitude da vida em relação à eternidade de Deus: “o sagrado é o que transcende os nossos poderes de compreensão, comunicação e ação” (BAUMAN, 2005, p. 80).

Considerações finais

Ao lado de grandes nomes da literatura portuguesa contemporânea, Teolinda Gersão, em seu estilo de prosa fluida e rica tessitura textual, ao mesmo tempo em que perturba e encanta o leitor, presenteia-o com uma narrativa que é um convite, uma espécie de (re)encontro com a realidade por meio do imaginário.

Em “Vizinhas”, a coragem e a maestria poética com que a autora desvela aspectos da realidade social - no âmbito doméstico, familiar - com a abordagem temática em torno da condição de envelhecimento, enriquece, ainda mais, o contexto literário português e mundial.

As protagonistas idosas procuram por uma experiência plena de ligação ao lugar que configure seu novo lar. Nesse contexto, o conto, analisado à luz dos pressupostos teóricos de lugar experiencial da Geografia Humanista Cultural, somados à significação da ideia de morte como rito de passagem para uma existência plena, permite que a busca por essa possibilidade na experiência de lugar possa ser compreendida em dois níveis: o temático, a busca pela morte compreendida como a materialização de uma atitude de escapismo, de desprendimento e fuga do vazio do não-lugar para alcançar aquele que seria o lugar original da existência primeira, atingida somente junto ao sagrado; e o outro em nível ideológico, em que o tema do suicídio seria inserido de forma muito natural, numa clara oposição ao discurso religioso.

Por trazer à baila temas relacionados à condição humana, sobretudo a condição feminina no mundo contemporâneo, Teolinda, em diversas de suas obras, ilumina poeticamente o tema da velhice, primando por revelar o aprisionamento dos relacionamentos onde imperam o silêncio e a indiferença, o distanciamento e a insegurança; onde o não-lugar invade e afrouxa os laços da vida pessoal e o sentimento mais íntimo de lar.

Referências:

BACHELARD, Gaston. *A poética do espaço*. Tradução de Antonio de Pádua Danesi. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

BAUMAN, Zygmunt. *Identidade: entrevista a Benedetto Vecchi*. Tradução de Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

BAUMAN, Zygmunt. *Modernidade líquida*. Tradução de Plínio Dentizien. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

- BEAUVOIR, Simone. *A velhice*. Tradução de Maria Helena Franco Monteiro. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1990.
- CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. *Dicionário de símbolos*. 12. ed. rev., ampl. e atual. São Paulo: Cultrix, 2013.
- DIAS, Maria Heloísa Martins. *O pacto primordial entre mulher e escrita: Teolinda Gersão e a atual prosa feminina portuguesa*. São Paulo: Scortecci, 2008.
- GERSÃO, Teolinda. *Prantos, amores e outros desvarios*. Porto: Porto Ed., 2016.
- GOMES, Álvaro Cardoso. *A voz itinerante. Ensaio sobre o romance português contemporâneo*. São Paulo: Edusp, 1993.
- HALL, Stuart. *A identidade na pós-modernidade*. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 12. ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2015.
- LISPECTOR, Clarice. *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 1998.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Lugar enquanto circunstancialidade. In: _____; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- MARANDOLA JR., Eduardo. Prefácio. In: TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
- RELPH, Edward. Reflexões sobre a emergência, aspectos e essência de lugar. In: MARANDOLA JR., Eduardo; HOLZER, Werther; OLIVEIRA, Lívia de. *Qual o espaço do lugar? Geografia, epistemologia, fenomenologia*. São Paulo: Perspectiva, 2014.
- TEIXEIRA, Selena Mesquita de Oliveira *et al.* Da velhice estigmatizada à dignidade na existência madura: novas perspectivas do envelhecer na contemporaneidade. *Revista Estudos e Pesquisas em Psicologia*, Rio de Janeiro, v. 16, n. 2, 2016. Disponível em: <<http://www.epublicacoes.uerj.br/index.php/revispsi/article/view/29179/20642#mailfim>>. Acesso em: 30 nov. 2017.
- TUAN, Yi-Fu. *Espaço e lugar: a perspectiva da experiência*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2013.
- TUAN, Yi-Fu. *Topofilia: um estudo da percepção, atitudes e valores do meio ambiente*. Tradução de Lívia de Oliveira. Londrina: Eduel, 2012.

Recebido em: 12 de junho de 2017.
Aprovado em: 29 de novembro de 2017.